

## O cão e o músico do assobio



Quem o ouvia cantarolar de forma afinada, ou assobiar com refinados trinados de fazer inveja a muitos pássaros, não imaginaria que aquele homem era alguém a quem a juventude lhe fora cruel e madrasta pelo trabalho pago a preço de côdea e sardinha raquítica partida a meio...

Uma das sensações que nas minhas recordações ainda me inspiram poesia e saudade é a imagem de uma figura ímpar que em Mateus deixou rastro de memórias pelo homem sempre bem-disposto ainda que a fartura não abundasse na magreza do seu estômago.

O Manel tivera uma vida ruim valendo-lhe a caridade de amigos, familiares e algum trabalho avulso que por vezes lhe aparecia. A troco de alguma comida, o homem trabalhava até que as mãos e o corpo declinassem a mais sacrifício. Pessoa simples de quem o povo tantas vezes se aproveitava, tinha na cabeça a imaginação e a sensibilidade dos grandes artistas, revelando-se na sua capacidade de memorizar páginas e páginas de melodias que as bandas da terra exibiam no seu repertório extenso e variado.

Querendo mostrar os seus dotes artísticos, pomposamente, interpunha-se à frente das pessoas, desbobinando rapsódias em instrumento de assobio que haviam de terminar apenas no último compasso. E fazia-o em toque requintado de afinação, ao mesmo tempo que infletia corporalmente em consonância com os tempos fortes metidos no próprio compasso da música. O Manel tinha em rapaz aprendido os rudimentos da solfa na Banda Nova de Mateus e esse era um trunfo de que por vezes se gabava mostrando sempre os dentes ralos e destroçados pelo efeito martirizante do álcool e dos cigarros que pareciam colados à boca.

Era dotado para a música e teria sido um grande filarmónico se tivesse estudado. “Bravo Manel” aplaudiam as pessoas, atçando o cantador melodramático. Aos poucos o Manel discorria num repertório sem fim até que a voz e o cansaço do corpo se rendessem à evidência de tanta exibição.

Era uma figura pitoresca e cómica; ouvia-se com satisfação o contador de histórias brejeiras e apimentadas; façanhas inofensivas que faziam parte do cardápio das suas aventuras amorosas. Troçava-se inconscientemente do Manel, mas gostava-se de estar com ele saboreando a imaginação, por vezes sem limite. “Tens cabeça?” Repetia-se esta expressão quando se cruzava com ele porque era a frase que mais proferia sem se saber muito bem o porquê. Interpelado pela canalha, aí ele garganteava: “Ah uicha?” E rematava vitorioso: “Ah cão, racho-te a cabeça.”

Nunca recebeu qualquer prémio ou reconhecimento público e nos seus bolsos jamais terá entrado nota ou moeda grande. Interpretava-se tanta modéstia e miséria, nesse tempo, como expressão de desprezo que a sociedade movia a qualquer comum dos mortais. A soltura de uma linguagem mordaz e de despropósitos gestuais eram capazes de atçar as atenções do mais pacato cidadão. Algumas meninas e senhoras não se coíbiam, com pacata provocação, de ouvir um arrazoado de palavras e gestos insidiosos quando o Manel se acometia por fortes e frequentes lampejos de imaginação, ou quando fazia revelações de notícias, que não passavam de pura especulação inventiva para dar nas vistas. Dir-se-ia que a arte do improvisado o cobria e o balanceava

perspicaz quando tentava concretizar sonhos privados, que eram seus, associados a uma vontade indisfarçável de um dia realizar um casamento. Morreu solteiro em completo celibato; mas a esperança de contrair matrimónio levou-a ele para a sepultura...ah! Isso ninguém lha podia tirar.

a música alimentava-lhe a esperança e quem o ouvia cantar ou assobiar dizia que o Manel irradiava dentro da sua alma a luz da vida, simples e sincera...uma luz que se desfazia no nevoeiro das injustiças humanas...

Não, não era homem a quem se podia dar muito crédito; não se podia confiar demasiado nas suas promessas. Quando faltava a compromissos, desbobinava um cardápio de desculpas sensacionais que impressionava tudo e todos. Dizia com ar seráfico que “o relógio se tinha atrasado ou perdido o ponteiro; que tinha passado mal a noite com dor de dentes; que não encontrara nada para calçar; que não sabia das calças; que tinha perdido um dente postiço e não o encontrara...” Tudo isto e mais habilidades, eram ladainhas de um rosário que as pessoas bem conheciam.

Nos seus deambulantes passeios pelas estradas, ruas e caminhos, sempre acompanhado pelo seu cão fiel, com a barba por fazer, descuidado no vestir, mas possuído de um sorriso de lhe rasgar a boca, o Manel fora atropelado, tendo ficado hospitalizado durante algum tempo. O que à partida seria recuperável, não o foi porque terá havido negligência médica ficando para sempre debilitado, condicionado nos seus movimentos e proibido de lutar pela sobrevivência.

Voltando à rotina habitual, fica agora mais dependente do seu cão malhado, companheiro e amigo. O animal segue o dono no caminhar firme e regular do bater das muletas; segue-o sem descanso, incita-o a não desistir. Cabe aos dois a ternura e a dor sustentadas em construções imaginárias sem fim. Já mais debilitado, o Manel apoia-se no seu assobio exibindo mais dramaticamente partes nostálgicas de rapsódias das bandas da terra e o cão acompanha-o em estridências não menos tristes...

Perto do fim o Manel contava histórias repetitivas e já sem nexos, acompanhadas por gargalhadas estrondosas que faziam estremecer as entranhas dos passantes. Morre despido de títulos e de glória, mas com a música no coração. Vagueava pela noite, recebendo dela a luz da manhã que o inspirava para histórias por ele inventadas.

Raramente erguia a voz para o mundo que o rodeava porque o Manel tinha um coração bom e uma resignação próprio de santo ou de alguém que veio a este mundo para mostrar que se pode ser feliz com muito pouco ou quase nada...

Bem, quanto ao cão, morreu após a morte do dono, não aguentando a partida definitiva do companheiro de todos os dias e do homem que lhe distribuía metade do quase nada que tinha. O cão soube compreendê-lo como ninguém, não perdendo o dono de vista olhando-o com o focinho no ar com ternura enquanto caminhava. E caminhavam juntos como dois vagabundos errantes e inofensivos. Que grande lição de vida nos deu o Manel com o seu sorriso até ao fim. O cão...ah o cão... foi mais digno do que as estapafúrdias crueldades de tantos humanos que não chegam a saber o que é o bem nem conhecem a palavra. Chamavam Bichandeia ao Manel mas acima de tudo ele era um homem bom com um coração grande. Fez falta o Manel...quem sabe se a freguesia de Mateus um dia não irá lembrar tão pitoresca figura?

aderito.silveira@hotmail.com